

Editorial

Armando Malheiro da Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CETAC.MEDIA
armando.malheiro@gmail.com

1.

1974 é o ano de edição, pela prestigiada editora *Presses Universitaires de France – PUF*, de um livro em formato um pouco superior “ao de bolso” e inserido na coleção *SUP- Le Sociologue*, dirigida por Georges Balandier (n. 1920), intitulado *Dynamique de la recherche en sciences sociales: les pôles de la pratique méthodologique*. Publicado em França, os seus Autores e o contexto universitário, a que estes estavam ligados, remetem para outro país, aliás vizinho – a Bélgica. Paul De Bruyne aparece identificado como professor na Universidade Católica de Lovaina; Jacques Herman e Marc De Schoutheete, assistentes na mesma Universidade, todos ainda vivos, tendo os dois primeiros se aposentado como professores e cientistas sociais no dito estabelecimento de ensino superior.

Em 2014, a *Dynamique de la recherche...* completa quarenta anos. Cumpre, assim, mais um aniversário que passaria completamente despercebido, incluindo na Bélgica e em Lovaina, se não tivesse surgido a ideia – possivelmente estranha para muitos... – de assinalá-lo com a edição de um número especial desta revista. A iniciativa pode, de fato, parecer, no mínimo, estranha por se tratar da evocação de um livro bastante desconhecido e, por isso, importa adiantar já uma razão ponderosa: o livro, em foco, é um contributo precioso e atual para a epistemologia das Ciências Sociais e, inexplicavelmente, foi ficando esquecido e desaparecido ao longo destas suas quatro décadas “de vida”, confirmando, de viva voz, um dos seus Autores (Jacques Herman) que a respetiva influência na Universidade de Lovaina e, especificamente, na Faculdade de Ciências Económicas, Sociais, Políticas e de Comunicação e nos Institutos de Pesquisa do setor das Ciências Humanas e Sociais, não é perceptível hoje. Um contributo importante, influente na prática metodológica em Ciência Social, mas parece que claramente condenado a deslocar-se do campo da memória para o do esquecimento geral!... As garras implacáveis do esquecimento justificam, pois, que se faça mais que uma

chamada de atenção e de ativação memorial; que se faça, com urgência, um apelo à releitura e ao debate esclarecido e crítico em torno de um justificado impulso (re)editorial.

Tanto quanto é possível saber, de forma exaustiva, o livro teve, em francês e na mesma editora, apenas duas edições: uma em 1974 e outra em 1979. O livro suscitou interesse e impacto nos anos imediatos à sua impressão e disseminação pública, e é importante sublinhar a tradução que foi feita para o português do Brasil, pela professora e investigadora na área da Educação Ruth Joffily, com a chancela da Livraria Francisco Alves Editora, que o editou em 1977. E, até 1991, estão registadas mais quatro edições, cinco no total!... Em Portugal, nunca ninguém replicou tal iniciativa. E, no Canadá francófono, três Autores, também da área da Educação, Michelle Lessard-Hébert, Gabriel Goyette e Gérard Boutin, produziram o seu contributo sobre a *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas* (1.ª edição no país de origem, em 1990, e edição portuguesa, em 1994) plenamente inspirado na proposta metodológica dos Autores belgas. Não conheço nem traduções em outras línguas de *Dynamique de la recherche...*, nem outro estudo diretamente relacionado com ela, a não ser o *Manual de Investigação em Ciências Sociais Aplicadas*, elaborado por dois professores da área de Economia e Contabilidade, Gilberto de Andrade Martins e Carlos Renato Theóphilo (1.ª edição, em 2007; e 2.ª edição, em 2009).

Esta resenha de recorte bibliográfico permite inferir que, desde o final da década de setenta, o livro não foi mais reeditado em França, ou seja, houve desinteresse da editora, impossibilidade dos Autores e ausência eventual de procura da obra para que fossem feitas novas republicações. Curiosamente, em 1986 e em 1990, as *Éditions Masson* (fundada em Paris, em 1804, por uma sociedade editora de livros científicos e integrada, em 2005, no grupo editorial *Reed Elsevier*) inseriu na coleção didática e universitária *Methode + Programmes*, dirigida por Jean François Phelizon, o “manual” de Jacques Herman, *Analyse de données qualitatives*, vol. 1 – *Traitement d’enquêtes échantillon, répartitions, associations*, e vol. 2 – *Traitement d’enquêtes, modèles multivariés*. Neste instrumento prático de investigação qualitativa, há referência à obra de De Bruyne e colaboradores, mas não é explícita, somente implícita, a sua influência matricial.

Um déficit óbvio de divulgação da *Dynamique de la recherche...* motiva, conseqüentemente, a edição especial de um número desta revista eletrónica, que está a fazer a sua trajetória no

espaço lusófono e não só, e a mobilização de vontades e de simpatias para a primeira edição em Portugal, que até ao momento ainda não aconteceu.

2.

Por que é importante e mantém atualidade a obra belga?

Na contracapa da edição francesa (1974), encontramos uma primeira e clarividente resposta à pergunta formulada. É aí dito que num tempo (década de setenta do séc. XX), em que eram muitas e espessas as dúvidas sobre a utilidade e a validade dos resultados da pesquisa, desenvolvida no âmbito das Ciências Sociais, a obra, lançada ao público, constituía-se como indagação, pelos meandros da Ciência que era produzida, dos processos pelos quais ela se forma e assegura a sua cientificidade. E diz-se mais: em vez de reduzir a metodologia a uma caminhada privilegiada ou a uma mera operação técnica de coleta de dados, a proposta, contida na obra, apontava para uma abordagem global do processo de pesquisa, isto é, da sua dinâmica interna, mostrando, por esta via holística, que a prática científica desenvolve-se, com vista a construir progressivamente o seu objeto, através de um campo estruturado a partir de quatro polos – o epistemológico, o teórico, o morfológico e o técnico -, diferentes instâncias metodológicas que submetem a pesquisa a exigências específicas. Mas, não se trata de momentos separados, pelo contrário, são etapas que se articulam de forma estreita e flexível, num movimento elíptico e aberto, nunca linear ou redutor.

A resposta à pergunta adensa-se e torna-se mais consistente com a leitura do *Prefácio*, subscrito por um prestigiado matemático e filósofo das ciências, professor em Lovaina, Jean Ladrière (1921-2007), que aproveitou esse ensejo para condensar a perspetiva epistemológica de um racionalista católico, especialista em Filosofia da Linguagem e em Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Sem delongas, Ladrière inicia a sua estratégia discursiva expondo a grande interrogação que é legítimo colocar ao estudo dos fenómenos sociais. Podem estes ser estudados com os métodos aplicados, com êxito, no domínio das Ciências Naturais? Pode-se falar de conhecimento científico quando o objeto de estudo é o próprio homem que intervém como agente? Pode-se encarar os componentes da ação humana (motivações, objetivos e valores) como similares a propriedades de um objeto físico? Pode-se “objetivar” o estudo dessa ação? Não serão os fenómenos sociais uma realidade que

escapa “radicalmente, e por razões de princípio, a qualquer tentativa de objetivação?” (1977: 9). Uma interrogação bastante pertinente então e de evidente acuidade hoje.

Jean Ladrière, formuladas as questões, abriu caminho, apresentando duas vias possíveis de resposta / solução. A “formalista”, herdeira de um positivismo “míope” – analisar os fenómenos humanos e sociais, substituindo os “agentes” (as pessoas) por “sistemas” tratados através de “métodos que mostraram seu valor no estudo dos sistemas materiais” (1977: 9); e a “outra” (por esta chegamos ao relativismo e ao pós-modernismo) – renunciar “a todos os recursos que podem ser sugeridos pelas ciências da natureza e em forjar um instrumento original de análise, adaptado à própria natureza do objeto estudado, isto é, ao que pertence propriamente ao contexto da ação” (1977: 10). E prossegue caminho, analisando as dificuldades que se deparam uma e outra: a primeira pode levar a que não se capte “a face interna da ação”, “o que há de mais caraterístico, de mais central nos fenómenos sociais” (1977: 10-11), ou seja, a “ordem das significações, das intencionalidades, das finalidades, dos valores” (1977: 10); e na segunda, optando exclusivamente pela via da “compreensão”, corre-se o risco de uma perspetiva “puramente subjetiva” (1977: 11).

Posto isto, Jean Ladrière desvela-se perante o leitor e comenta: “Parece que a única noção coerente e precisa de cientificidade que podemos tomar como critério é a que se desprende pouco a pouco, no curso de uma longa progressão histórica, da prática das ciências da natureza e que, por conseguinte, a única maneira de construir uma verdadeira ciência dos fatos sociais é adotar o caminho da análise sistemática, em outras palavras, proceder a uma completa “objetivação” do social” (1977: 11-12). Aceitar esta premissa implica, segundo Ladrière, admitir que a abordagem “compreensiva” não pode ser científica. Ora, a investigação epistemológica crítica mostra que as Ciências Naturais não produzem uma cientificidade “pura”, isenta “de toda a relatividade” e de “toda a particularidade que se liga a um processo histórico limitado (no tempo e no espaço)” (1977: 12). Além de que, a epistemologia moderna revelou que “nem os métodos nem os objetos são dados *a priori*” (1977: 14): “Existe elaboração progressiva dos métodos em contato com determinados objetos. Mas existe, correlativamente, elaboração progressiva dos objetos graças ao acionamento de determinados métodos” (1977: 14). Premissa evidencial que conduz Ladrière a um sugestivo postulado: “O domínio dos fenómenos sociais pode dar lugar a uma imagem de cientificidade distinta da dos fenómenos físicos” (1977: 14). Contudo, apressa-se

a bloquear qualquer especulação, cara aos relativistas e pós-modernistas (coevos e posteriores): “Entretanto, isto não quer dizer que devemos contar com a possibilidade de ver aparecer, a respeito do social, uma forma de ciência que nada mais tenha de comum com a que caracteriza as ciências da natureza” (1977: 14). Chegamos, aliás, ao ponto chave do pensamento epistemológico de Ladrière e da obra de De Bruyne e colaboradores, seus claros discípulos:

Se existe um devir da idéia de cientificidade e se este devir é relativo à natureza da realidade estudada, nem por isso se pode dizer que ele se faz de um modo inteiramente contingente, como se se tratasse unicamente de uma sequência improvável de ocorrências históricas. Existem determinações imanentes que impõem ao processo histórico seu aspecto e que são sem dúvida elas próprias comandadas pelas condições mais gerais que governam as interações possíveis entre o aparelho humano do conhecimento e o mundo exterior. São finalmente essas determinações que dão à ideia de cientificidade seu caráter normativo. Elas se impõem inevitavelmente a todo o processo histórico concreto, mas, por outro lado, são suficientemente gerais para não se esgotarem em tal ou qual processo histórico particular. Deve-se então contar com a possibilidade de encontrar semelhanças relativamente estreitas entre todos os empreendimentos que se inspirarem na ideia geral de um conhecimento por conceitos, de caráter sistemático, exploratório e dinâmico. Mas, ao mesmo tempo, deve-se contar com a possibilidade de uma diversificação, talvez crescente, desses empreendimentos. A ideia de cientificidade comporta simultaneamente um pólo de unidade e um pólo de diversidade. Ela representa uma forma absolutamente geral de auto-regulação do processo de aquisição dos conhecimentos. Mas, por outro lado, não pode ser igualada pura e simplesmente a uma forma determinada de ciência; ela pré-contém, por assim dizer, diversas formas concretas possíveis de realização (1977: 14-15).

É também central, no pensamento de Jean Ladrière, a relevância que a epistemologia possui para a auto-regulação, a auto-organização e o desenvolvimento constante e infinito da ciência: por ser a reflexão da pesquisa sobre si mesma, pode e tem de contribuir de modo eficaz para o progresso da pesquisa (1977: 16). Todavia, para que a epistemologia cumpra a sua missão e atinja a sua superior meta, não deve concentrar-se nos resultados ou na ciência já solidificada (ou validada), mas sobretudo nos procedimentos, nos momentos genéticos, no devir, em “tudo o que faz da pesquisa uma atividade essencialmente prospectiva” (1977: 17). A indagação epistemológica deve mostrar como a ciência pode ser criadora, como pode gerar novos métodos, enfim, como “nela a própria ideia de cientificidade pode assumir pouco a pouco contornos cada vez mais precisos, como pode controlar cada vez melhor a si

mesma de modo cada vez mais estreito a seu objeto” (1977: 17). Todo um exigente e difícil programa de recorte filosófico que os Autores de *Dynamique de la recherche...* propuseram-se, segundo Ladrière, aplicar ao complexo e difícil campo das Ciências Sociais. E enumerando os méritos que este contributo oferecia e oferece, vale a pena destacar dois que respondem de forma bastante cabal e assertiva à pergunta formulada atrás. Primeiro mérito:

Por outro lado, era necessário mostrar em que consiste exatamente a natureza dos “fatos”, ou dos “dados” e qual é o papel que lhes cabe na génese do saber. Era necessário evitar, ao mesmo tempo, uma interpretação “teoricista” da ciência – para a qual a teoria é o juiz de si mesma e vale de algum modo unicamente pela virtude organizadora do conceito – e uma interpretação “empiricista” – para a qual existem fatos independentes das teorias, em relação aos quais estas constituem apenas “desvios”, úteis para fazer descobrir as conexões entre fatos, mas não trazendo nenhum conteúdo próprio, nenhum “acréscimo” em relação aos fatos. Positivamente, era necessário mostrar que os dados são construídos, que eles pressupõem sempre esquemas conceituais, que estão, pois, sempre “carregados de teorias”, mas, ao mesmo tempo, era preciso fazer ver que eles constituem, apesar de tudo, uma espécie de base, movediça é verdade, sobre a qual é possível empreender processos de colocação à prova que permitem controlar as teorias (1977: 18-19).

O segundo mérito tem a ver com a perspectiva epistemológica adotada radicalmente pelos Autores:

A concepção da epistemologia utilizada aqui não é a de uma doutrina analítico-normativa que poderia se apresentar como uma espécie de cânone da razão científica, é a de uma tomada de consciência metodológica que, por estar animada por uma preocupação eficaz de radicalidade nem por isso deixa de se reconhecer sempre inacabada, sempre suspensa a uma exigência indefinida de autocompreensão, que evidentemente só pode permanecer sempre insatisfeita. O procedimento epistemológico exposto neste tratado assume verdadeiramente a postura de uma pesquisa e se mostra, aliás, capaz de definir sua própria dinâmica. Ele se desdobra, assim, em perfeita consonância com o procedimento científico propriamente dito que nos leva a compreender. Por isso, faz aparecer, na perspectiva que fornece o conceito, a complementariedade existente, no próprio seio da pesquisa, entre a investigação que se aplica ao objeto e a preocupação metodológica que se preocupa com a natureza e com a validade dos procedimentos (1977: 20-21).

Se alguma dúvida houver, sobre a atualidade deste segundo mérito e relativo à complementaridade entre a reflexão sobre a adequação da pesquisa ao respetivo objeto – dimensão eminentemente epistemológica – e a atenção prestada aos procedimentos

metodológicos e sua eficácia – dimensão metodológica –, basta trazer à colação o contributo do especialista em Direito e filósofo brasileiro Jayme Paviani, que nos brindou com a sua *Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico* (2009), projeto direcionado para mostrar as articulações entre as questões epistemológicas e metodológicas na pesquisa.

Não cabe, porém, aqui enfatizar mais as razões substantivas que justificam a oportunidade hodierna e futura de um contributo que seria absurdo condenar ao desprezível esquecimento. O que fica exposto, neste segundo item, parece-me bastante esclarecedor.

3.

Após uma procura longa e difícil, foi possível localizar e entrar em contato com um dos Autores belgas e conseguimos que o Professor Jacques Herman estivesse presente na realização do *Summer Doctoral Consortium*, iniciativa integrada no Seminário II, unidade curricular dos 2.º e 3.º anos do programa doutoral Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, parceria formativa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, e realizada em *Campus Agrário de Vairão* da Universidade do Porto, dias 26 e 27 de Junho de 2014. O Professor Jacques Herman debruçou-se em sua palestra sobre os fundamentos e objetivos da proposta metodológica de que foi um dos responsáveis. Pode, por isso, dizer-se que o convite que lhe foi endereçado constitui o primeiro ato de celebração dos quarenta anos da edição do livro. Termos conseguido, depois disso, a sua anuência e colaboração para publicar neste número um artigo seu, é motivo de satisfação e honra.

Teve ainda, o mesmo docente aposentado da Universidade de Lovaina, a gentileza de solicitar a dois discípulos seus que colaborassem neste ato publicístico. Os professores Gabriela Palavicini e Joan Pere Plaza I Font corresponderam ao convite de forma generosa e pronta.

Pela minha parte, registo com gratidão a resposta positiva a dois convites que ajudaram a viabilizar de forma digna este número especial: o da professora Ana Lúcia Terra e da mestre Maria Fernanda da Silva Gonçalves, que pôde associar ao texto o professor Gabriel David.

Com a informação reunida, foi possível estruturar este número conforme o Sumário explicita e com dois núcleos bem definidos: um primeiro, composto pelos artigos de Jacques Herman

e de Armando Malheiro da Silva, expondo e analisando as características intrínsecas e objetivos do Método Quadripolar; e um segundo núcleo, composto por aplicações em diferentes áreas e disciplinas. Houve a intenção de convidar algum dos Autores canadianos, atrás citados, e a tradutora para a edição brasileira, Professora Ruth Joffily, assim como foi possível estabelecer correspondência eletrónica com o professor Carlos Renato Theóphilo com vista a inclusão de um artigo seu, mas infelizmente nada disto se concretizou.

A revista Prisma.Com não encerra, neste número especial, a divulgação e o debate em torno do Método Quadripolar; pelo contrário, visa claramente estimulá-lo.